

Tom Hudson: Vivemos num fabuloso mundo cromático

"A cor, sendo ela mesma enigmática nas sensações que provoca, não pode ser empregada senão enigmáticamente todas as vezes que dela nos servimos, não para desenhar, mas para transmitir sensações musicais que decorrem de sua misteriosa natureza. Por meio de harmonias inteligentes, cria-se o símbolo, mas a cor que é vibração, como a música, atinge o que há de mais vago e de mais comum na natureza — a força interior de todas as coisas."

Esta frase de Gaughin vem lembrar que vivemos num mundo cromático e que a cor é uma das formas mais perfeitas de liberação. Quando cita Matisse, Van Gogh, Cézanne ou mesmo Gaughin e quando apresenta slides de coloridos trabalhos de seus pequenos alunos, Tom Hudson quer demonstrar a importância da pesquisa da cor. "Observar a cor significa viver num mundo cromático. Se alguém faz exigências a seus olhos, seu olhar será melhor". Esta é uma observação válida para todas as atividades deste mundo moderno, um mundo competitivo, que exige qualidade, que exige que cada coisa seja esteticamente bem feita.

Este seria o ângulo da cria-

tividade. Nas aulas de Tom Hudson descobre-se a importância e a urgência de considerar uma situação sob vários aspectos e evitar a tendência de mostrar apenas um ponto de vista, uma mesma face.

Quando um menino em Cardiff entregou a Tom Hudson uma caixa verde, fechada, ele sentiu uma certa decepção, mas esta não durou mais que uma fração de segundo. De repente, a caixa desfez-se sobre sua mão e cobriu-a com uma seda de igual cor. De uma primeira forma, sólida e comum, o menino atingira à suavidade de sua expressão final, demonstrando a relação entre cor e movimento.

Isto é o que Tom Hudson chama de Tecnologia da Imaginação. "O arranhão de um pincel sobre uma tela pode ser o início de uma obra de arte. Tudo depende do conceito e da idéia. O mais importante que eu posso dizer, neste sentido, é que não devemos copiar a natureza. Os grandes artistas jamais fizeram isto. Devemos buscar sempre um equivalente para que se possa ver, assim muitas vezes se pode ouvir, alguém dentro de sua forma individual de expressão".

Aqui se encontra a elasti-

cidade do Curso de Criatividade, Educação e Tecnologia, que o Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura está promovendo em Porto Alegre. Quando Tom Hudson sugere, por exemplo, um trabalho de organização de apenas duas cores e desenvolvimento pessoal através delas, um arquiteto pode descobrir novas formas, o artista pesquisará nuances, o professor entenderá melhor a forma de expressão de seus alunos porque encontrou a sua própria, o psicólogo entra em intimidade com o mundo cromático de cada indivíduo e o comunicador descobre que também a palavra tem suas cores intensas, suaves, quentes ou frias.

"Cada um tem que usar os processos a seu alcance para projetar a sua verdade", diz Tom Hudson. E se a criança é o exemplo básico e constante de suas aulas é porque ela é a mais autêntica expressão criativa do momento e, portanto, a mais passível de demonstração de arte contemporânea.

Assim, quando um aluno de Cardiff colocou quatro rodas em torno de uma caixa cilíndrica, fazendo-a girar somente em torno de si mesma, ele queria descobrir se a tecnologia também poderia ser inútil. Talvez um adulto jamais pensasse em semelhante experiência, justamente dada a aparente inutilidade da pesquisa. Mas era uma pesquisa válida.

Ela mostra que "o que as pessoas fazem da tecnologia depende delas. Uma pessoa pode necessitar da precisão de um minúsculo pincel para expressar-se, enquanto outra gosta de trabalhar com um machado. O desenvolvimento da tecnologia fica por conta de cada artista, pois as coisas são melhores dentro do contexto em que são apresentadas. Dependem da forma como são exploradas. Não posso dizer, por exemplo, que o metal é melhor que a cinza. Em tecnologia tudo tem o mesmo valor. Ao usar a cor, eu posso contar com a luz e a opacidade e com a justaposição de outras cores. Tudo isto contribui para o impacto ótico. Mas é preciso não esquecer Gaughin quando ele diz que um metro quadrado de vermelho é diferente de um centímetro quadrado de vermelho".

Com a idéia de que "as pessoas estão começando a empacotar a vida e que a embalagem assume grande importância", Tom Hudson levou seus alunos, durante uma aula prática, a fazerem embalagens de si mesmos e de espaços limitados ou amplos da natureza. Surgiram envelopes dobráveis em várias situações, bonecos em caixas fechadas, um olho reproduzido várias vezes, montagens geométricas. Poderiam ter feito retratos de si mesmos, mas Tom Hudson queria que cada um se descobrisse de forma mais intensa. "Geralmente se percorre caminhos já percorridos porque assim nos sentimos mais seguros. Mas isto não é liberação nem criatividade. É preciso assumir coisas que não havíamos assumido antes e sobre elas desenvolver a criatividade e a informação".

Curso CRIATIVIDADE/EDUCAÇÃO/TECNOLOGIA
Promoção DAC/SEC

"Correio do Povo" 25.07.74
Matéria- Vera Regina Morganti (III)

● Até o próximo dia 27 prosseguirá, na Faculdade de Agronomia, o curso ministrado pelo professor inglês Tom Hudson — "Educação, Criatividade e Tecnologia". Ele é diretor do "Cardiff College of Arte" da Inglaterra, e veio a Porto Alegre sob os auspícios do DAC-SEC. Inúmeras pessoas ligadas às artes estão se deslocando até a Faculdade de Agronomia para assistir a estas aulas, que são desenvolvidas pela manhã e à tarde. Entre os participantes, destaca-se o crítico carioca Mark Berkowitz que, em 1970, participou do júri do 1.º salão de Artes Visuais da UFRGS.

Curso CRIATIVIDADE/EDUCAÇÃO/TECNOLOGIA
Promoção DAC/SEC

"Folha da Tarde" 22/07/74
Coluna: Agenda